

Geografia do policiamento aéreo nas metrópoles brasileiras¹

Resumo

O artigo discorre sobre o processo de militarização do policiamento aéreo em curso no Brasil a partir de explorações em cinco metrópoles (Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Brasília e Porto Alegre), que oferecem aporte analítico para afirmar que vivenciamos a produção de geografias aéreas militarizadas como ferramenta de patrulhamento aéreo e de combate urbano, no qual o helicóptero é empregado como uma arma de guerra. A pesquisa assim demonstra que no Brasil, tal como ocorre em outros lugares, a segurança pública faz uso da aviação policial para que, do espaço aéreo, realize operações militares, inculcando significados e percepções que metaforizam bairros populares, ruas e praças como campos de batalha, locais onde seus moradores e mobilizações populares são ameaçados por helicópteros policiais.

Palavras-chave: Geografias Aéreas, Policiamento Aéreo, Helicóptero.

Abstract

GEOGRAPHY OF AIR POLICING IN THE BRAZILIAN METROPOLIS

The article discusses the process of militarization of air policing in Brazil from explorations in five metropolises (Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Brasília and Porto Alegre), which offer an analytical contribution to affirm that we experience the production of geographies as a tool for air patrol and urban combat, in which the helicopter is used as a weapon of war. The research thus demonstrates that in Brazil, as in other places, public security makes use of police aviation to carry out military operations in the air space, inculcating meanings and perceptions that metaphor popular neighborhoods, streets and squares such as battlefields, places where its residents and popular mobilizations are threatened by police helicopters.

Key-words: Aerial Geographies, Air Policing, Helicopter.

1. Introdução

O presente artigo trata da produção de geografias aéreas de policiamento, enfocando aspectos táticos e tecnológicos além de aspectos espaciais pertinentes ao patrulhamento aéreo, a partir da ótica da militarização, que tem afetado a vida das pessoas na cidade e que, por conseguinte, tem-se tornado uma ameaça às populações urbanas de baixa renda, ao conceber seus bairros residenciais como campos de batalha. O estereótipo, por sinal, do “bandido”, apregoado aos moradores, e do ambiente urbano da favela como “caótico”, serve nesse caso como um elemento narrativo de “metaforização” para empregar violência de cunho político contra grupos vulneráveis à violência policial, o que muito contribui para legitimar práticas de repressão que se aplicam a toda população de baixa renda, que reside em bairros populares controlados pelo tráfico de drogas.

O mesmo ocorre com grupos de manifestantes, que, ocupando praças e ruas públicas, sofrem também repressão da polícia com emprego do helicóptero como arma de dispersão. Posto assim, a produção de geografias aéreas militarizadas na cidade invoca o policiamento aéreo ostensivo no espaço metropolitano brasileiro, cujas ações de violência política² se desenvolvem mediante operações urbanas efetuadas contra determinados segmentos populares. Assim, essas operações colocam em risco a vida de inocentes agindo por perfis urbanos definidos por estereótipos. Disso decorre que bairros populares, seus moradores e grupos de manifestantes são elencados como alvos em potencial e as vítimas fatais como simples “danos colaterais” do combate ao tráfico de drogas ou mero resultado de atos de dispersão de supostos grupos de “arruaceiros”, ações essas justificadas muitas vezes pelo discurso de manutenção da lei e da ordem.

Concebida como palco de operações, à mercê de ataques aéreos, a cidade será enfocada, na primeira parte do estudo, como um ambiente urbano no qual a aviação militar irá equalizar suas ações com o propósito de eliminar adversários e desmobilizar movimentos contestatórios, que resistem, por exemplo, a certo regime político ou ocupação territorial, como é o caso dos palestinos. A primeira parte, assim, oferece uma breve introdução pelo ângulo da teoria, de como operações militares em terreno urbano vêm sendo empregadas. Em seguida, na segunda parte do artigo,

analisaremos a forma como o policiamento aéreo no Brasil tem produzido geografias aéreas militarizadas, ao efetivar, como ocorre em outros países, políticas de violência urbana empregadas por aeronaves militares. Nessa parte, para analisar o problema, nos utilizamos da consulta em jornais e mídias sociais, de um documentário sobre aviação policial, além de uma entrevista com um grupo de moradores de um dos bairros de Vitória (ES) onde os helicópteros da polícia operam.

2. Geografias aéreas militares na cidade

O avião, nas últimas décadas, modificou a percepção que temos de espaço, pois seus efeitos transformaram a vida das pessoas e a política territorial de Estado. Criamos em torno do avião e de suas proezas “imaginações geográficas” que reordenaram o nosso mundo, forçando-nos a olhar para o céu e a nos preocuparmos com aviões que voam sobre nossas cabeças. Em alguma medida temos reeducado o nosso olhar conforme a perspectiva do avião, ao mesmo tempo em que os corpos são treinados a serviço do avião (ver, em especial, ADEY, 2010a; ADEY; WHITEHEAD; WILLIAMS, 2013).

Desde a invenção do avião, dominar o espaço aéreo tem sido um equalizador comum do Estado moderno para reformular suas políticas de soberania territorial e conduzir a guerra além das fronteiras nacionais. Nesse sentido, pode-se ver o avião como uma máquina de guerra atuante em vários cenários, mas, ainda assim, cada vez mais destinado a intervenções em conflitos urbanos domésticos, sobretudo a partir do emprego de aeronaves menores e com maior habilidade de se infiltrarem no terreno urbano, com uso preponderante, hoje em dia, de helicópteros e drones. Por conta do papel histórico desse equipamento e, sobretudo, de sua função mais recente no teatro de operações urbanas, o enfoque inicial do artigo será mostrar, de forma sucinta, como a tecnologia da aviação tem contribuído para mudar a vida das pessoas e ameaçar modos de vida não aéreos, produzindo efeitos devastadores em contexto urbano, já que expõe milhões de pessoas à violência que a aviação militar pode provocar.

A aviação militar tem “[...] permitido práticas culturais inteiramente novas e violentas que transformaram o mundo abaixo”³ (ADEY, WHITEHEAD, WILLIAMS, 2013, p. 2, tradução nossa), aplicando políticas de guerra e de segurança de cima para baixo. Como Adey (2010a, p. 6, tradução nossa) observa, o “[...] espaço tem sido produzido, transfigurado e formado através da tecnologia do avião [...]”⁴, criando novos significados e percepções à vida urbana, sendo as pessoas ameaçadas por novas produções do espaço aéreo.

Todo esse potencial para o assassinato urbano foi demonstrado nos bombardeios de Dresden, Hamburgo e Tóquio, quando cidades inteiras sumiram do mapa. “A bomba atômica completou esta nova vulnerabilidade da cidade: conurbações e populações inteiras foram destruídas instantaneamente em Hiroshima e Nagasaki”⁵ (SHAW, 2004, p. 142, tradução nossa), revelando que o avião, agora sem ressalvas, havia se desenvolvido como uma arma de guerra capaz de projetar violência à longa distância e levando ao extermínio milhares de pessoas, sem nenhum tipo de envolvimento direto com a guerra. Encapsulada por um olhar holográfico, a guerra no século XX foi travada em espaço tridimensional, e os ataques aéreos, desde a *Blitz* sobre Londres aos ataques terroristas de 11 de setembro, ressaltando-se o uso do avião-robô não tripulado em Gaza, no Afeganistão e no Iraque, vieram a fornecer muito além de possibilidades de maior mobilidade, mas terror, destruição e morte, através do emprego de diferentes tipos de aeronaves em operações militares (ADEY, 2010a).

Hoje, a busca incessante por alcançar onisciência total no campo de batalha tem se dado muito em virtude do incremento de veículos aéreos não tripulados, os chamados drones, em operações militares. Como observa Chamayou (2015), o uso de drones na atividade militar tem permitido projetar poder a longas distâncias, sem expor vulnerabilidade do operador que se encontra longe do campo de batalha, reduzindo inimigos ou civis ao estatuto de simples alvo. Segundo justificativas militares, uma das vantagens do emprego de drones verifica-se pelo fato de que a vigilância pelo drone não implicaria, nesse aspecto, adaptações espaciais ou controle terrestre direto, já que seu objetivo se pauta numa inversão da lógica de “vigiar e punir”, exemplificada por Foucault (2013), e sua eventual substituição pela ideia de “viajar e aniquilar”, como expõe Chamayou (2015).

Por tal perspectiva do poder aéreo, de conceber a cidade como um campo de batalha e os seus moradores, em especial, aqueles tidos como suspeitos, como alvos em potencial, a cidade estaria se transfigurando num campo de batalha dinâmico no qual objetos e táticas podem variar a todo instante, desenvolvendo-se por escalas e tempos espaciais diferentes. Este seria o caso de Gaza, na Palestina, onde helicópteros, jatos de combate e os drones militares de Israel povoam os céus daquele território. Sobrevoando as cidades palestinas, tais aeronaves desferem ataques-surpresa contra líderes políticos e grupos paramilitares, mas também contra civis atuantes contra Israel. Eles são perseguidos dia e noite por veículos não tripulados, como registra o depoimento de um civil palestino à rede de notícias Al-Jazeera em janeiro de 2009:

Aqui em Gaza, os habitantes não dormem por causa do ruído dos helicópteros, dos drones israelenses e do bombardeio de artilharia. Essas coisas são contínuas toda a noite e até agora.

Eu agora estou falando com você ao andar na rua e, a fim de ouvi-lo, estou colocando meu dedo no outro ouvido para não ouvir o barulho dos drones e dos helicópteros nos céus de Gaza.

Esta é a primeira vez que, em uma semana, dormi à noite e hoje a Al Jazeera me acordou. Eu estou ouvindo os drones ainda pairando nos céus de Gaza, continuamente, é claro, para nos lembrar o que os israelenses estão dizendo: 'nós ainda estamos aqui' (DALLOULD, 2009 apud ADEY, 2010a, p. 170-171, tradução nossa)⁶.

Da mesma forma, estratégias militares de combate em terreno urbano, que fazem uso de helicópteros, e o recente uso de drones militares vêm sendo empregadas em cidades do Brasil, particularmente nas metrópoles. Em condições claras de desobediência aos direitos civis e em total violação aos preceitos de respeito à vida, veremos, na sequência, que sua ação se pauta numa lógica seletiva, distinguindo bairros populares em detrimento de outros bairros habitados pelas classes mais favorecidas, lugares onde, ao empregar o helicóptero em situações de flagrante crime, não se verifica o uso de violência como forma de repressão extrema por parte da polícia.

3. Policiamento aéreo e violência política no Brasil

O policiamento aéreo como veículo de vigilância e de patrulha aérea é cada vez mais empregado como instrumento de combate ao crime e de contenção de manifestações populares nas vias públicas no Brasil e em muitas cidades do Mundo. Nos Estados Unidos, um dos precursores do uso do helicóptero no policiamento, esse equipamento foi introduzido de forma incisiva pelo Departamento de Polícia de Los Angeles (LAPD – em inglês). Passou a ser empregado de maneira sistemática depois dos distúrbios civis no Distrito de Watts, em 1965, quando o helicóptero tornou-se a pedra angular da estratégia de policiamento nos guetos de Los Angeles (DAVIS, 2009).

Ainda segundo Davis (2009), foi nesse período que os helicópteros do LAPD ampliaram sua ação, mantendo-se operantes a uma média de 19 horas de vigilância diária (isso no fim dos anos 1980 e durante os anos 1990, hoje, talvez, seja maior o tempo de voo) sobre as áreas de “alta criminalidade” na cidade, excedendo até mesmo, como observara o geógrafo estadunidense, a vigilância aérea do exército britânico sobre Belfast. Ademais, lembra Davis, em ação coordenada com as forças de patrulha em solo para facilitar a sincronização terra-ar, números que identificam as ruas foram pintados em milhares de telhados de residências, transformando a vista aérea de Los Angeles num grande mapa policial.

A força aérea da LAPD, ainda nos anos 1990, já contava com câmeras de infravermelho e holofotes de 30 milhões de velas para empregar caçadas noturnas aos suspeitos. Todavia, a verdadeira revolução, em matéria de policiamento aéreo, se deu por meio da parceria com a indústria militar aeroespacial estadunidense a tempo de operar os novos equipamentos na abertura dos Jogos Olímpicos de Los Angeles de 1984. Na oportunidade, foi colocado em prática o Sistema de Comunicações de Controle e Comando de Emergência (ECCCS – em inglês), concebido como o mais moderno sistema de comunicações de polícia do mundo na época, ao contar com o apoio da *Nasa* para incorporar elementos de tecnologia espacial e de comunicações em missões conjuntas com o emprego de helicópteros (DAVIS, 2009).

No Brasil, o uso de helicópteros na aviação policial foi introduzido de forma notável no fim dos anos 1980 (antes o uso do helicóptero era difuso, e a aviação policial carecia de infraestrutura); todavia, o seu verdadeiro incremento se deu nos anos 1990, quando o helicóptero foi incorporado ao uso policial em várias capitais e regiões metropolitanas. Em território nacional, o policiamento aéreo é mistificado pela própria corporação como heroísmo, um discurso bastante propalado, como podemos notar nos *posts* das *fanpages* oficiais no *Facebook* do Grupamento Aéreo da Polícia Militar do Rio de Janeiro (GAM) e de forma, também muito enfática, na página do Núcleo de Operações e Transporte Aéreo da Polícia Militar do Espírito Santo (NOTAer), para citar apenas dois exemplos. No Espírito Santo, atuações tidas como “heroicas” viraram até mesmo um livro, publicado pelo Capitão Marcelo Hollanda, piloto do NOTAer, de nome sugestivo, intitulado *Anjos Audazes* (2015), em que o capitão descreve em detalhe a atuação do grupamento aéreo nas inundações no norte do território capixaba, que ocorreram em virtude das chuvas, no fim do ano de 2013.

Além das operações de salvamento e de transporte aeromédicos, entre outras funções, o policiamento aéreo é empregado com muita ênfase no Brasil, em especial, no Rio de Janeiro, no combate ao crime, particularmente ao tráfico de drogas. No Brasil, tal como ocorreu nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, a realização de grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, que atraem grandes investimentos e centenas de milhares de turistas às cidades-sede, serviu de trampolim ao processo de reformulação da aviação policial, com a aquisição de novos helicópteros e emprego de equipamentos mais modernos no patrulhamento aéreo.

Na cidade do Rio de Janeiro, o GAM, centro das atenções no setor da segurança pública por conta da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, uma série de investimentos foram feitos, com notável destaque para aquisição do sistema de imagens aéreas e para aquisição dos helicópteros EC145, que contam com console tático de missão e com câmeras que transmitem em tempo real as imagens feitas pela aeronave, além de blindagem reforçada, de alto falantes e capacetes com óculos de visão noturna para os tripulantes. O novo helicóptero permite voos em condições meteorológicas adversas e atuação mais sincronizada com as tropas em solo, já que as

imagens geradas pelo helicóptero são enviadas para o Centro Integrado de Comando e Controle da Secretaria de Segurança e para as bases móveis do GAM, montadas em caminhões nas áreas onde o grupamento realiza operações⁷. Dessa maneira o helicóptero auxilia as tropas em solo de forma mais eficiente, já que permite visão privilegiada.

O EC145 é tido, a plantel de estrela do espetáculo, como a máquina mais eficiente da Polícia Militar do Rio de Janeiro (PM-RJ) de combate ao crime. Ainda sobre a aquisição dos novos helicópteros, François Aranaund, vice-presidente comercial e de marketing da Helibras⁸, enalteceu o uso do helicóptero EC145 no policiamento aéreo no Rio de Janeiro, ao afirmar: “Essa é uma evolução em tecnologia para a Segurança Pública do Brasil, em especial do Rio de Janeiro, que com os novos EC145 se iguala à *Metropolitan Police* da Inglaterra, que utilizou o mesmo modelo de aeronave, com muito sucesso, durante os Jogos de 2012, em Londres”. Mauro Ayres, também membro da Helibras e gerente do mercado governamental da empresa, expressou opinião semelhante, dizendo: “Temos plena consciência de que o combate à criminalidade deve ser feito com o uso de inteligência e tecnologia. Essas aeronaves biturbina [sic] de alta tecnologia, com seus modernos equipamentos, serão sem dúvida um grande trunfo para nosso trabalho antes, durante e depois do Rio 2016”⁹.

O emprego de aviação policial no patrulhamento aéreo, mesmo antes da aquisição dos helicópteros EC145, já era destaque na mídia hegemônica, enaltecendo esses equipamentos como instrumentos de combate à criminalidade na cidade, como dá ênfase a matéria de Leslie Leitão para a revista *Veja* de 8 de junho de 2012. O próprio título da reportagem, *Cuidado, bandidos: lá de cima, mesmo à noite e de longe, a polícia vê – e grava – tudo*, é totalmente comprometido com o discurso de combate ao crime a qualquer custo social, veiculando ao emprego do helicóptero a ideia de onipresença para tentar “intimidar” criminosos e transmitir para a sociedade a pauta de repressão de forma indistinta aos demais tipos de crimes, como crimes de “colarinho branco”, praticados por outros grupos sociais. Como se não fosse suficiente, no subtítulo da reportagem o autor reforça a narrativa de onipresença da polícia ao escrever em caixa alta: “BANDIDOS: O BIG BROTHER ESTÁ NO AR”. No mesmo texto, por mais de uma vez, a câmera

ultrapotente a bordo do helicóptero, que em tese seria capaz de flagrar “a bandidagem em ação” até mesmo no escuro, é mencionada como algo “super” moderno, reforçando, pela terceira vez, o comprometimento do jornalista com tal discurso.

Leslie Leitão destaca, no mesmo texto, que o helicóptero foi empregado como peça-chave no assassinato do traficante Márcio Sabino Pereira – conhecido como “Matemático” –, procurado pelo polícia, que do alto, a 3 mil pés de altitude (cerca de 1 quilometro), foi monitorado por um helicóptero até o desfecho da ação, que culminou no fuzilamento de Matemático, no dia 11 de maio de 2012, num bairro popular da Zona Oeste do Rio de Janeiro. A despeito do fuzilamento do traficante, a reportagem enaltece a ação da polícia ao fazer referência na maior parte do texto à alta capacidade de visualização da câmera no escuro e ao observar que o equipamento é capaz de identificar corpos e objetos a 32 quilômetros de distância, o que permitiu ao piloto, segundo a matéria, manter distância segura e monitorar os suspeitos sem que o ruído do helicóptero revelasse a posição dos policiais, permitindo a aproximação da aeronave para o desfecho da ação, incorrendo na morte de Matemático.

Na última seção do texto, Leslie Leitão lança mão das palavras do piloto policial Adonis de Oliveira, chefe do Serviço Aeropolicial (Saer), que coordena a equipe e reforça a necessidade de uso do helicóptero em operações aéreas de policiamento, ao afirmar: “Em uma cidade onde helicóptero da polícia já foi até abatido pela bandidagem, voar alto é, antes de tudo, uma questão de sobrevivência”. Adonis faz menção ao abatimento de um helicóptero da polícia atingido por traficantes do morro dos Macacos, em Vila Isabel, norte da cidade do Rio de Janeiro, em 2009⁰. Na sequência, ele completa: “Lá de cima, é como se a cidade fosse um grande tabuleiro de videogame, em que se pode visualizar e acertar o alvo com mais inteligência e menos risco de erro”.

Além de desumanizar as vítimas e tratá-las meramente como alvos em potencial do helicóptero, o piloto policial reforça seu uso como uma máquina de guerra que seria capaz de atuar de forma precisa e cirúrgica no combate ao crime, a partir de um “tabuleiro” urbano concebido como campo de batalha. Tal eficiência no combate ao crime, munindo-se do

helicóptero como um arma de guerra, pode ser questionada, contudo, pelo viés dos moradores nas áreas populares onde os helicópteros realizam operações, como veremos a seguir. Em outra reportagem, que foi ao ar no programa *Fantástico* (programa de grande audiência nas noites de domingo), quase um ano depois da morte de Matemático, no dia 5 de maio de 2013¹¹, imagens feitas pelo helicóptero da polícia (e divulgadas ao público somente agora) revelam que a perseguição ao traficante pelas ruas da Zona Oeste da cidade foi, de fato, uma caçada brutal, seguida de uma execução a sangue frio, que expôs moradores ao risco.

A perseguição, que durou menos de dois minutos e se estendeu por nove quarteirões num trecho de cerca de um quilometro, fez de algumas ruas da cidade uma praça de guerra. Embora o helicóptero possuísse câmeras com sensor que detecta o calor de corpos e objetos, à noite as imagens não permitem identificar os suspeitos, de forma nítida o suficiente para distinguir a feição das pessoas. Em diálogo gravado entre os tripulantes da aeronave os próprios policiais deixam evidente a dificuldade de identificar com precisão quem são os suspeitos, resumindo-se a dizer, no vídeo obtido pelo *Fantástico*, que o suspeito se parece com o traficante:

- Tá parecendo ele, hein?
- É isso aí. Parece mesmo.

Não obstante essa dificuldade de identificar o suspeito, os policiais do helicóptero se permitem trocar tiros com os traficantes em um bairro popular predominantemente residencial. Com isso expõem os moradores ao risco de uma “bala perdida”. Especialistas ouvidos pela reportagem do *Fantástico* afirmam ainda que não se pode atirar de um helicóptero durante a noite, mesmo sob fogo inimigo, e que os atiradores nem mesmo estavam usando equipamentos de visão noturna, orientando-se apenas através da luz residual da iluminação do bairro para efetuar os disparos. Criticam também as manobras do piloto do helicóptero, que teve que descer de uma altura entre 1.200 e 900 metros para 40 e 20 metros, para que os atiradores pudessem efetuar os disparos, exigindo do piloto um excesso de performance e de desempenho da máquina, em condições de risco, em cima das casas dos moradores.

O diálogo dos tripulantes também revela um comportamento eufórico dos policiais da aeronave, que transformaram a ação numa caçada noturna.

No áudio gravado pelo rádio comunicador da aeronave escutamos a fala de um policial que incita o atirador a disparar mais e mais:

- Pega, pega, pega.
- Pega.
- Pega, vai. Dá mais.
- Dá, dá, dá.

No vídeo podemos ver uma fuzilaria de tiros sobre a rua, casas e prédios do bairro (ver figura 1). Em uma imagem podemos observar um transeunte na rua e em outra imagem um clarão de dentro de uma casa, que, segundo um dos especialistas ouvidos pela reportagem do *Fantástico*, se trata do impacto de um tiro que atingiu o interior de uma residência. Segundo o especialista mencionado, as armas usadas pelos policiais possuem a capacidade de perfurar paredes de tijolos, colocando em risco todos os moradores, mesmo aqueles que se encontram dentro de suas casas. A caçada termina com o fuzilamento do traficante Matemático num carro e a posterior identificação do corpo pela polícia. No entanto, as imagens revelam, por si só, que a política de segurança pública do Rio de Janeiro abre fogo de forma indiscriminada sobre as casas dos moradores que residem em favelas e em áreas segregadas, colocando em risco as pessoas que não possuem nenhuma relação com o tráfico de entorpecentes.

Quando, porém, se trata da ação policial em bairros ditos “nobres”, com moradores das classes privilegiadas, o procedimento é outro. Um exemplo disso foi a operação da polícia, também com uso do helicóptero, no bairro de Copacabana. À procura de suspeitos ligados ao jogo do bicho, policiais saltam do helicóptero sobre a cobertura de um apartamento de luxo sem, em nenhum momento, disparar suas armas. A fuzilaria que assistimos nos bairros pobres e segregados no Rio de Janeiro é, nos bairros das classes privilegiadas, substituída por uma operação altamente coordenada e executada com precisão, sem colocar em risco a população civil e com a devida precaução para evitar vítimas fatais¹².

Figura 1

NA IMAGEM FEITA DO HELICÓPTERO DA POLÍCIA PODEMOS VER O CARRO EM QUE MATEMÁTICO SUPOSTAMENTE SE ENCONTRAVA SENDO METRALHADO PELOS POLICIAIS. COMO SE PODE VER NA IMAGEM, OS PONTOS DE LUZ INDICAM O DISPARO DOS POLICIAIS DE FORMA IMPRECISA, QUE ATINGEM A RUA E EDIFICAÇÕES PRÓXIMAS, COLOCANDO OS MORADORES EM RISCO.



Fonte: *G1 Globo*, programa *Fantástico*, 5 de maio de 2013.

Essa distinção socioespacial no combate ao crime, no qual a ação do helicóptero policial elucidada o *modus operandi* da política de segurança pública no Brasil, reforça, ademais, uma visão estereotipada da favela e dos bairros segregados como praças de guerra, um verdadeiro campo de batalha, em que os policiais vão para o trabalho para guerrear em áreas civis, onde residem grupos populares, em detrimento de outras áreas habitadas pelas classes privilegiadas, onde os direitos civis em geral são respeitados. Consiste também numa elucidação de como o aparelho do Estado é usado como instrumento de repressão contra outra classe social, no caso as classes populares, que são vítimas da violência letal.

Agir para matar criminosos socialmente excluídos consiste, aliás, numa prática comum da polícia em comunidades pobres, que vem de longa data no Rio de Janeiro. No livro de Caco Barcellos, *Abusado* (2003),

o autor nos oferece em detalhes um exemplo de tal prática, a partir da descrição do massacre do grupo de Marcinho VP por um helicóptero da PM-RJ que surpreendeu a facção; ao abrir fogo de forma indiscriminada sobre os traficantes, a polícia provocou a morte de alguns deles. Naquele dia, Marcinho VP, chefe da facção nos anos 1990 no morro Santa Marta, embora conhecesse bem a atuação da Fênix¹³, como é chamado o helicóptero da polícia, e, por isso mesmo, orientasse seus homens para que ficassem atentos à movimentação de helicópteros da PM-RJ a partir de alguns pontos de referência de onde eles se aproximavam, foi surpreendido pela ação da polícia. Os helicópteros vinham de direções diferentes (do Pão de Açúcar, do Corcovado, do Cristo Redentor e até mesmo da ponte Rio-Niterói, que igualmente ficava sob vigilância dos traficantes, sem esquecer, também, um cuidado especial com a baía de Guanabara). Assim, os traficantes não foram capazes de notar a aproximação de uma aeronave que, ao desacelerar o motor para diminuir o ruído produzido, ocultou sua presença, aproximando-se do grupo por trás do morro, bem perto de uma pedra de nome Xangô.

Marcinho VP, desde a morte de alguns de seus comparsas pela Fênix, só escalava homens experientes para monitorar o tráfego aéreo, uma função de suma importância para garantir a segurança do grupo. Por isso, o chefe da facção repetia insistentemente as orientações básicas de segurança para evitar que fossem alvos do helicóptero, como ocorreu no campo do Tortinho. Nesse dia, porém, foi surpreendido. Com a aparição inesperada do helicóptero da PM-RJ sobre as cabeças dos traficantes, uma cena de filme de *Hollywood* se seguiu com homens correndo em ziguezague para escapar dos tiros, e um fim macabro, quando o helicóptero pousou momentaneamente sem desligar o motor e levantou voo erguendo com um cabo de aço um dos homens abatido, passando então a sobrevoar os céus da cidade Maravilhosa com um corpo dependurado.

No Rio de Janeiro, os pilotos policiais são treinados para agir em situações de alto risco, para matar não poupam esforços que exigem performance apurada para pilotar o helicóptero. Adotam o artifício de ocultar a presença dos helicópteros, usando os edifícios e o relevo acidentado para “esconder” as aeronaves e assim favorecer a aproximação do helicóptero sem denunciar sua posição, surpreendendo traficantes em favelas e áreas segregadas, como ocorreu no morro Santa Marta. Fazem voo de patrulha e

monitoramento sobre as favelas em grandes altitudes, já que também ficam expostos a fogo inimigo. Essa forma de atuar não é, contudo, restrita ao GAM. Grupamentos aéreos de outras cidades também exigem o máximo de seus pilotos. Trata-se, assim, do uso do helicóptero como uma ferramenta de combate ao crime e de “manutenção” da ordem pública, seguindo, para isso, princípios de guerra urbana.

Em São Paulo não é diferente. O documentário *Águias da cidade* em suas duas primeiras temporadas, de 2012 e 2013, respectivamente, realizado pela *Mixer* em parceria com a *Discovery Channel*, com a direção de Rodrigo Astiz, retrata o dia a dia de policiais pilotos do Grupamento Aéreo de São Paulo, chamados *Águias*, que atendem chamadas de emergência médica e policiais. O helicóptero do policiamento aéreo, equipado com um sistema que capta e transmite imagens em tempo real para o Grupamento Aéreo e para o Centro de Operações da Polícia, monitora a área e ajuda a polícia em seu planejamento estratégico de segurança. Assim, operações policiais são planejadas com o objetivo de prender criminosos, combater o tráfico e evitar furtos, como mostra, em especial, o episódio quatro da primeira temporada da série *Policiais sobre a cidade*, no qual vemos uma operação da polícia para interceptar suspeitos de tráfico e roubo. Nessa operação, numa região de subúrbio da cidade de São Paulo, o helicóptero da polícia, voando baixo, surge atrás de um morro e surpreende os criminosos que tentam fugir de motocicleta ou mesmo a pé. O *Águia* persegue os fugitivos e usa a força do vento gerado pelas hélices do helicóptero para desequilibrar os motociclistas, até que as viaturas em solo que fecham as rotas de fuga alcancem os criminosos e os capturem (ver figura 2).

O uso do helicóptero no policiamento aéreo também se verifica em Vitória, lugar onde o NOTAer tem sido gradativamente utilizado em operações militares. O emprego do helicóptero em operações as mais variadas, que fazem cerco a traficantes e perseguição a assaltantes e ladrões de veículos, são registrados, com alguma frequência, pela imprensa capixaba. Algumas dessas operações do policiamento aéreo em Vitória viraram manchete policial, com o helicóptero voando baixo entre os prédios dos bairros da Praia do Canto e em Santa Lúcia¹⁴, além de registros da ação do helicóptero na Praia da Costa, em Vila Velha, município que faz parte da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), para interceptar grupos de gangues rivais que causavam tumulto na orla (ver figura 3)¹⁵.

Figura 2

HELICÓPTERO DOS ÁGUIAS DE SÃO PAULO UTILIZA O VENTO GERADO POR SUAS HÉLICES PARA DESESTABILIZAR MOTOQUEIRO QUE FOGE, ATÉ QUE O REFORÇO POR TERRA CHEGUE PARA ABORDAR O SUSPEITO.



Fonte: Águias da Cidade, episódio 4 – *Policiais sobre a cidade*, 2012.

De outra maneira, nos bairros segregados de Vitória, o helicóptero é usado não só como um veículo de patrulha aérea e perseguição policial, mas como instrumento ameaçador. Em entrevista¹⁶ com um grupo de moradores residentes na Poligonal 1, que reúne as comunidades de São Benedito, Jaburu, Itararé, Floresta, Engenharia, Bonfim, Bairro da Penha e Consolação, os moradores dizem que o helicóptero realiza operações na calada da noite sobre os bairros, sobrevoando a baixa altitude a região e perturbando o sono dos moradores. Afirmam que a ação do helicóptero, de forma incompreensível e injustificável, tendo em vista os horários, sua forma de atuar e a pouca objetividade da operação, causa grande incomodo, para não dizer terror, na comunidade. Para os moradores, o helicóptero seria usado como um instrumento para amedrontar a população, e não necessariamente para combater o crime.

Figura 3

UM IMPORTANTE JORNAL DE CIRCULAÇÃO DIÁRIA TRAZ EM SUA CAPA A AÇÃO DO HELICÓPTERO DO NOTAER, NA PRAIA DA COSTA, EM VILA VELHA, EM UMA OPERAÇÃO POLICIAL EM BUSCA DE SUSPEITOS DE SE ENVOLVEREM EM BRIGAS E CAUSAR TUMULTO. A MENSAGEM VEICULANDO A IMAGEM DE UMA SOBRINHA SENDO LANÇADA AO CÉU POR CONTA DO VENTO GERADO PELO HELICÓPTERO, NUM DIA DE PRAIA, REFORÇA A IDEIA DE “CAOS URBANO”, MUITO UTILIZADA PELA MÍDIA PARA JUSTIFICAR OPERAÇÕES MILITARES VIOLENTAS NA PERIFERIA. TRATANDO-SE DE UM BAIRRO DE CLASSE MÉDIA, PODE-SE INTERPRETAR A IMAGEM COMO UM AVAL AO USO DO HELICÓPTERO EM AÇÕES FUTURAS, TALVEZ, PARA REPRIMIR MANIFESTANTES, AO DAR MUITA ÊNFASE A UM “STATUS DE TERROR” VIVIDO, A TODO O MOMENTO E EM QUALQUER LUGAR NA CIDADE, QUE AMEAÇA AS FAMÍLIAS ATÉ MESMO NOS LUGARES QUE NÃO SÃO TIDOS COMO VIOLENTOS.



Fonte: Capa do jornal *A Tribuna*, 5 de outubro de 2017

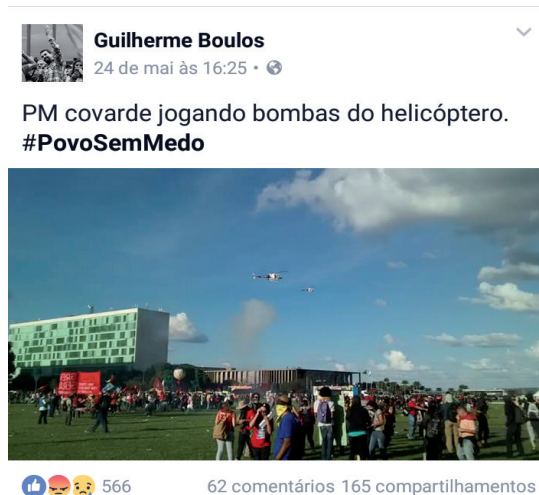
Por fim, cabe destacar que operações militares com emprego de helicópteros em cidades do Brasil têm servido não só para combater violentamente atividades criminosas de grupos empobrecidos, em geral, mas também para dispersar manifestantes. Não faz muito tempo, manifestantes do *Ocupa Brasília*, de 24 de maio de 2017, que reunia caravanas de manifestantes de várias regiões do país em Brasília, a capital do país, justamente onde se concentram os três poderes da federação, foram repelidos em ação conjunta da polícia e do Exército. Pessoas que participavam do ato em defesa de eleições antecipadas e livres para presidente e contra os retrocessos políticos emitidos pelo governo do presidente Michel Temer, foram

atacadas por helicópteros que despejaram bombas de efeito “moral” sobre a multidão (ver figura 4). Em outras cidades, relatos do uso de helicóptero para amedrontar manifestantes também foram registrados, como ocorreu em ato político pelo *Fora Temer*, em Porto Alegre, no dia 2 de setembro de 2016 (ver figura 5), com helicópteros policiais sobrevoando baixo por cima dos manifestantes.

Tais estratégias relevam, por suas práticas, a introdução do helicóptero em operações policiais que se multiplicam pelo país e que são empregadas cada vez com mais frequência e com maior violência. Recentemente, declaração do governador eleito do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), para o pleito de 2019-2022, de que pretende usar drones militares adquiridos de Israel em operações de segurança no Rio de Janeiro, causaram muita agitação e especulação sobre o uso deste tipo de aeronave em operações de combate¹⁷. Contudo, a introdução de drones não é uma novidade, uma vez que forças policiais já operam com tais equipamentos com alto grau de vigilância aérea na cidade, com perspectiva de ampliar o uso de drones em operações militares num futuro próximo¹⁸.

Figura 4

GUILHERME BOULOS, COORDENADOR DO MOVIMENTO DOS TRABALHOS SEM TETO (MTST) E ATIVISTA POLÍTICO ATUANTE NA FRENTE POVO SEM MEDO, POSTOU EM SUA REDE SOCIAL DO FACEBOOK IMAGEM QUE REGISTRA INSTANTES APÓS OS HELICÓPTEROS DA POLÍCIA MILITAR DO DISTRITO FEDERAL (PM-DF) JOGAREM BOMBAS DE GÁS LACRIMOGÊNIO E DE EFEITO “MORAL” SOBRE OS MANIFESTANTES EM BRASÍLIA. BOULOS DENUNCIA, ASSIM, A REPRESSÃO DA POLÍCIA A UM ATO PACÍFICO.



Fonte: *Fanpage* de Guilherme Boulos no *Facebook*, 24 de maio de 2017.

Figura 5

A MÍDIA NINJA, UMA IMPORTANTE REDE DESCENTRALIZADA DE MÍDIA DE ESQUERDA, COM ATUAÇÃO EM VÁRIAS CIDADES NO BRASIL, POSTOU EM SEU PERFIL NO FACEBOOK RELATO SOBRE A ATUAÇÃO COORDENADA DA POLÍCIA DE PORTO ALEGRE (COM EMPREGO DO HELICÓPTERO E DE VEÍCULOS TERRESTRES) PARA REPRIMIR MANIFESTANTES QUE PEDIAM A SAÍDA DO ENTÃO PRESIDENTE DO BRASIL – MICHEL TEMER. VEJA NA IMAGEM QUE UM HELICÓPTERO, DO ALTO, ILUMINA OS MANIFESTANTES COM UM HOLOFOTE, PARA IDENTIFICÁ-LOS E AMEDRONTÁ-LOS



Fonte: *Fanpage* oficial da Mídia Ninja no *Facebook*, 2 de setembro de 2016.

4. Considerações Finais

Pela lógica atual da segurança pública, a aviação policial no Brasil vem se desenvolvendo como um instrumento de controle e repressão, concebendo áreas residenciais de bairros periféricos e segregados como lugares “caóticos” e como abrigos de “criminosos”. O mesmo por sua vez

não ocorre nos bairros das classes privilegiadas, o que demonstra, assim, um claro viés “ideológico” de comportamento socioespacial, em distinção a outras aéreas da cidade, onde a aviação policial é empregada com violência letal nos bairros das classes desfavorecidas. Mobilizações populares que ocupam ruas e praças, também imersas na mesma lógica, estão sendo, por seu turno, equacionadas como atos conduzidos por “arruaceiros” ou “desocupados”, identificando os manifestantes como desordeiros na tentativa de criminalizá-los e, por conseguinte, justificar ações de retaliação.

Agindo assim, ao disparar sobre as casas de moradores e contra manifestantes desarmados, embora de forma não letal, nesse último caso, a política de segurança pública concebe espaços vitais de mobilização e áreas residenciais da população mais pobre, como refúgio de criminosos e ambiente urbano inimigo, que abrigam, por essa ótica, traficantes e malfeitores, quando, na verdade, a maioria dos participantes de atos políticos e moradores de bairros populares é constituída de trabalhadores sem nenhum tipo de passagem pela polícia. O policiamento aéreo induz, por tais estratégias, a prática de violência política, de função social repressora, em geral contra pobres e negros, emitindo signos que identificam os bairros populares como ambiente inimigo, a partir da incessante repetição de atos de violência contra as pessoas que residem em tais espaços. Cria-se, nesse sentido, uma espécie de combate velado a uma classe social.

A ação do policiamento aéreo nos territórios controlados pelo tráfico de drogas no Rio de Janeiro mais se parece, em alguns casos, a um “policiamento colonial”, em que o uso do helicóptero lembra operações militares no Oriente Médio. Constatamos, então, que o helicóptero, que possui a capacidade de sobrevoar as artérias congestionadas das grandes cidades para realizar resgates aeromédicos com grande eficiência, em situações em que o tempo é precioso para salvar vidas, vem sendo usado como uma arma de guerra, já que possibilita o emprego da violência policial com velocidade e à distância.

Desse modo, a política de segurança pública no uso da aviação policial no Brasil atua, como um todo, no sentido de suprimir a rua como um conceito de convivência e manifestação política, transformando as vias públicas em áreas de exceção e os bairros populares em campos de batalha, onde os moradores ficam, quase sempre, no meio da fuzilaria entre

traficantes e policiais. Assim, a vigilância policial “onipresente”, com o uso de helicóptero e drones, pode ser vista como uma forma de intervenção que expõe uma concepção de guerra urbana de noção vertical, que manifesta, por sua lógica, práticas de violência aérea e difusão de uma modalidade de controle social, já bem difundida em algumas metrópoles brasileiras.

Notas

- 1 Pesquisa financiada pela agência de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.
- 2 O termo violência política é enfatizado ao longo do texto como uma modalidade de violência que atende um propósito político de luta entre classes sociais, no qual, no caso em particular, o aparelho público do Estado serve, quase sempre, para reprimir ou criminalizar grupos ou classes sociais menos favorecidas pelo regime político e que o contestem, de alguma forma.
- 3 “[...] permitted entirely new and violent cultural practices that have transformed the world below” – versão original em inglês.
- 4 “[...] space has been produced, transfigured and shaped through the technology of the aeroplane [...]” – versão original em inglês.
- 5 “The atomic bomb completed this new vulnerability of the city: whole conurbations and populations were destroyed instantaneously at Hiroshima and Nagasaki” - versão original em inglês.
- 6 “Here in Gaza, the Gazans have not slept for the noise of the helicopters, of the Israeli drones and the artillery shelling. These things were continuous all night and until now. I am now speaking with you while walking on the street and, in order to hear you, I am putting my finger in the other ear in order not to hear the noise of the drones and the helicopters in the skies of Gaza. This is the first time that we, in a week, slept and Al Jazeera tonight, today woke me up. I am hearing the drones still hovering in the skies of Gaza, continuously of course, to remind us that the Israelis are saying: ‘We are still here.’” – versão original em inglês.
- 7 Para mais informações sobre a aquisição de helicópteros de combate pela PM-RJ, ver a matéria intitulada *Conheça o novo EC145 C2 da PM do Rio de Janeiro entregue durante a LAAD*, de 17 de abril de 2017, disponível no site Piloto Policial (<<http://www.pilotopolicial.com.br/>>), e a reportagem de Maria Magalhães, intitulada *Novo helicóptero do GAM terá visão noturna, piloto automático e câmeras*, para o jornal O Dia, publicada em 23 de março de 2015, disponível na página do portal carioca (<<http://odia.ig.com.br/>>).
- 8 Empresa brasileira fabricante de helicópteros subsidiária da divisão de helicópteros do Airbus Group.
- 9 Consultar novamente a matéria *Conheça o novo EC145 C2 da PM do Rio de Janeiro entregue durante a LAAD*, de 17 de abril de 2017, assinada por Piloto Policial e disponível no site do mesmo (<<http://www.pilotopolicial.com.br/>>).
- 10 Segundo fontes da reportagem do G1 Globo, intitulada *Helicóptero da PM cai durante operação em favela do Rio*, de 17 de outubro de 2009, disponível no site da rede de notícias brasileira (<<http://g1.globo.com>>), o helicóptero da polícia avariado por tiros teve que fazer um pouso forçado em um campo de futebol, sendo logo em seguida tomado pelo fogo. Para um enfoque geográfico do emprego do helicóptero na segurança pública e no combate urbano na cidade do Rio de Janeiro, que menciona inclusive o abatimento do helicóptero por traficantes no morro dos Macacos, pode-se consultar o artigo de Peter Adey, *Vertical security in the megacity* (2010b).

- ¹¹ A reportagem intitulada *Imagens mostram perseguição e caçada ao traficante Matemático* está disponível para o acesso no site do G1 Globo – Fantástico (<<http://g1.globo.com>>).
- ¹² Sobre a ação da polícia em uma cobertura de luxo em Copacabana, ver a matéria intitulada *Veja o momento em que a polícia invade cobertura de luxo em Copacabana*, de 15 de novembro de 2011, no portal R7 Rio de Janeiro, disponível no endereço eletrônico do site (<<http://noticias.r7.com>>).
- ¹³ No livro de Caco Barcellos o autor se refere ao helicóptero da Polícia Militar do Rio de Janeiro como Águia, mas o nome usual utilizado atualmente é Fênix.
- ¹⁴ Ver a reportagem *Ladrões roubam carro e são perseguidos até por helicóptero na Praia do Canto*, no jornal A Gazeta, de 26 de janeiro 2014, disponível para acesso no site <<http://www.gazetaonline.com.br>>.
- ¹⁵ Na página 11 do jornal A Tribuna impresso, de 5 de outubro de 2015, a matéria de Elis Carvalho e Simony Giubert é intitulada *Correria e pânico na Praia da Costa*.
- ¹⁶ A entrevista foi realizada em 13 de setembro de 2017.
- ¹⁷ Sobre o interesse do governador do Rio de Janeiro de adquirir e empregar drones militares de Israel em operações de segurança no Rio de Janeiro, ver a matéria de Berenice Seara, *Witzel e Flávio Bolsonaro vão a Israel comprar drone que faz disparos*, publicada em 2 de fevereiro, no jornal O Globo (<<https://oglobo.globo.com/rio>>).
- ¹⁸ Sobre a aquisição de veículos aéreos não tripulados pela Polícia Militar do Rio de Janeiro, chamados drones (ou na sigla em português de VANT), ver a matéria no site Piloto Policial, intitulada *Bope começa a utilizar VANT em operações especiais no Rio* – Vídeo, publicada no dia 24 de julho de 2012, disponível no portal da rede de notícias de policiamento aéreo (<<http://www.pilotopolicial.com.br>>).

Referências

ADEY, Peter. **Aerial life**: spaces, mobilities, affects. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010a.

ADEY, Peter. Vertical security in the megacity: legibility, mobility and aerial politics. **Theory, Culture and Society**, v. 27, n. 6, p. 51-67, 2010b.

ADEY, Peter; WHITEHEAD, Mark; WILLIAMS, Alison J. Introduction: visual culture and verticality. In: ____ (Org.). **From above**: war, violence, and verticality. Nova York: Oxford University Press, 2013. p. 1-16.

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 1 – Voar Para Servir. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 2 – Não Basta Ser Piloto. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 3 – Resgates Aeromédicos. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 4 – Policiais Sobre a Cidade. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 5 – Planejamento e Imprevistos. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 6 – O Tempo Está Contra Nós. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 7 – Operação Verão. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. Episódio 8 – Voar Para Salvar. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2012. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 1. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 2. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 3. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 4. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 5. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 6. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 7. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

ÁGUIAS DA CIDADE. 2ª Temporada. Episódio 8. Direção: Rodrigo Astiz. Produção: Mixer & Discovery Channel. Incentivo: Ancine. 2013. (43min).

BARCELLOS, Caco. **Abusado**: o dono do morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CARVALHO, Elis; GIUBERT, Simony. Correria e pânico na Praia da Costa. **A Tribuna**. Vitória, Brasil, 05 de out. 2015, p. 11.

CHAMAYOU, Grégoire. **Teoria do drone**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CONHEÇA o novo EC145 C2 da PM do Rio de Janeiro entregue durante a LAAD. **Piloto Policial**. São Paulo, Brasil, 17 de abr. 2017. Disponível em: <<http://www.pilotopolicial.com.br/>>. Acesso em: 07 de set. 2017.

DAVIS, Mike. **Cidade de quartzo**: escavando o futuro em Los Angeles. São Paulo: Boitempo, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013

HELICÓPTERO da PM cai durante operação em favela do Rio. **G1 Globo**. Rio de Janeiro, Brasil, 17 de out. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/index.html>>. Acesso em: 01 de jun. 2015.

HOLLANDA, Marcelo. **Anjos audazes**: a história dos Harpias na maior tragédia natural do Espírito Santo. Vitória, ES: Link Editoração, 2015.

IMAGENS mostram perseguição e caçada ao traficante Matemático. **G1 Globo – Fantástico**. Rio de Janeiro, Brasil, 05 de mai. 2013. Disponível em <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: 07 de set. 2017.

LADRÕES roubam carro e são perseguidos até por helicóptero na Praia do Canto. **A Gazeta**. Vitória, Brasil, 26 de jan. 2014. Disponível em: <<http://www.gazetaonline.com.br>>. Acesso em: 07 de set. 2017.

LEITÃO, Leslie. Cuidado, bandidos: lá de cima, mesmo à noite e de longe, a polícia vê – e grava – tudo. **Veja**. São Paulo, Brasil, 08 de jun. 2012. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br>>. Acesso em: 01 de jun. 2015.

MAGALHÃES, Maria Inez. Novo helicóptero do GAM terá visão noturna, piloto automático e câmeras. **O Dia**. Rio de Janeiro, Brasil, 23 de mar. 2015. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/>>. Acesso em: 07 de set. 2017.

SEARA, Berenice. Witzel e Flávio Bolsonaro vão a Israel comprar drone que faz disparos. **O Globo**. Rio de Janeiro, Brasil, 2 de fev. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio>>. Acesso em: 04 de fev. 2018.

SHAW, Martin. New wars of the city: relationship of “urbicide” and “genocide”. In: GRAHAM, Stephen (Org.). **Cities, war and terrorism**: towards an urban geopolitics. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2004, p. 141-153.

VEJA o momento em que a polícia invade cobertura de luxo em Copacabana. **R7 Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Brasil, 15 de nov. 2011. Disponível em: <<http://noticias.r7.com>>. Acesso em: 07 de set. 2017.

Recebido em: 08/12/2018

Aceito em: 23/12/2018

